

não se vendia ainda era a poesia de *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, versos divulgados em 1920, mas só consagrados em livro em 1922.

A imprensa evoluía também no Rio de Janeiro. Por ocasião da revolta dos marinheiros, em 1910, o *Jornal do Brasil* chegara a tirar cinco a seis edições diárias; a folha passara, em janeiro desse ano, para o novo edifício, à Avenida Central, apregoado como “o mais alto da América do Sul”; usava agora máquinas de escrever na redação, desde 1912; apresentava, em 1913, anúncios coloridos na última página; o jogo do bicho, em 1915, passava a ocupar uma página inteira. Noticiando, nesse ano, a hipoteca da ferrovia Madeira-Mamoré ao *Empire Trust*, o *Jornal do Brasil* protestava contra “esse primeiro passo para a absorção ianque da Amazônia”, contra “esse golpe aventureiro que ameaça a nossa soberania territorial”. O seu parque gráfico, em 1916, é o maior da imprensa brasileira, compreendendo 12 linotipos, 3 monotipos, a maior e mais moderna máquina de impressão. Sua reportagem sobre o naufrágio da barca *Sétima*, na Guanabara, em 1916 é excelente; no ano seguinte, chega a publicar cinco clichês sobre a Guerra Mundial; em 1918, tem outro sucesso de reportagem, quando do rapto do filho do Dr. Frederico Eiras, em Copacabana; seu noticiário do Armistício, em novembro, é moderno, movimentado, escandaloso mesmo. Pioneiro em muitos setores, tendo apresentado, em 1893, a primeira seção feminina da imprensa brasileira, a cargo de Clotilde Doyle; antecipando-se, com as caricaturas de Celso Hermínio, Julião Machado, Raul, Luís Peixoto, Plácido Isasi, Calixto, *Bambino*, Amaro, Fritz, L. Heitor, e nas histórias em quadrinhos, escritas por Batista Coelho (*João Foca*) e ilustradas por *Bambino*, — o *Jornal do Brasil* continuaria pioneiro quando, em 1912, passa a dedicar página inteira ao esporte. A 30 de dezembro de 1918, a empresa muda e o novo redator-chefe é Assis Chateaubriand, que viera de Pernambuco, onde conquistara, em 1915, em concurso de resultado muito discutido, a cátedra de Filosofia do Direito, na Faculdade do Recife, depois do resultado empatado com Joaquim Pimenta. Chateaubriand ensaia vôo para as grandes atividades jornalísticas que logo empreenderá. Em 1918, Ernesto Pereira Carneiro, feito conde papalino no ano seguinte, é o novo proprietário do jornal, que envia Oto Prazeres para cobrir, na Europa, a Conferência da Paz. O *Jornal do Brasil* anota, nesse mesmo ano, que “já se observa de tudo no Rio, até mulheres fumando”. Lança, em 1920, o vespertino *A Hora* e tem, em 1921, o monopólio dos pequenos anúncios: 85% do espaço do jornal é ocupado por eles. Osório Duque Estrada faz o registro literário; Barbosa Lima Sobrinho é o novo repórter político; como